

Estrangeiros têm 42% dos negócios

Investidores de outros países retornam ao Brasil, motivados pelas obras de infraestrutura

Os estrangeiros estão de volta. Vieram para ficar. Fundos, empresas e pessoas físicas de outros países viram sua participação saltar de 35% para 42% do total de fusões fechadas entre janeiro e março na comparação com os mesmos meses de 2010, segundo os dados são da PwC.

Atuantes em 59 negócios — recorde para essa categoria de investidor no Brasil — eles representam diversas partes do planeta. E caminham para dividir o mercado com os compradores locais nos próximos anos, estima Alexandre Pierantoni, sócio de finanças corporativas da consultoria.

“Os estrangeiros ainda continuam a perceber mais benefícios do que riscos no país e apostam que o governo caminha para encontrar o equilíbrio para o tripé juros, inflação e crescimento”, afirma.

O retorno dos estrangeiros é tido como inevitável e pode ser medido pelo aumento da participação de fundos de private equity nas operações. Gestores desse tipo, que têm entre seus clientes investidores internacionais, ampliaram seus investimentos em 32% nos últimos cinco anos. No primeiro trimestre, os fundos atuaram em 43% dos negócios.

Atraídas pelas grandes obras de infraestrutura, empresas líderes em seus países também estão tateando o mercado brasileiro em vários setores. “Mineração, pré-sal e portos são segmentos cada vez mais interessantes aos olhos dos estrangeiros”, exemplifica Cesar Amendolara, sócio do Velloza e Giroto Advogados.

Canadenses, holandeses e chineses estão entre os que mais demandam consultas ao escritório, que finalizou duas operações no trimestre. Pelo menos outras dez estão em andamento.

Amendolara cita vestuário e cartões de crédito como outros dois setores que devem movimentar diversas fusões ao longo do ano.

“O primeiro segmento será impulsionado pelo bem-sucedido IPO da Arezzo, o que acaba

“

Mineração, pré-sal e portos são segmentos cada vez mais interessantes aos olhos dos estrangeiros

Cesar Amendolara,
sócio do Velloza e
Giroto Advogados

movimentando toda a cadeia. No caso dos cartões, o movimento tem relação direta com a abertura do mercado no ano passado. Há muita gente querendo se posicionar.”

Via de mão dupla

Mas não são apenas os estrangeiros que estão interessados em adquirir empresas no Brasil. Fortalecidas pelo poder de compra que o real ganhou no exterior, empresas de menor porte começam a buscar boas opções de investimento fora de suas fronteiras.

“O brasileiro descobriu que ficou rico em dólar”, brinca com certa dose de razão Marcos Paiva, um dos sócios do escritório Choib, Paiva e Justo Advogados Associados. “Isso animou várias empresas, em especial as de Tecnologia da Informação, a buscarem acesso ao mercado americano, o que tem acontecido por meio de associações.” ■ L.F.

Anúncio